

# HARLAN COBEN

A grayscale illustration for a book cover. It features a large, detailed eye in the upper center, looking forward. Below the eye, a silhouette of a person stands on a path that leads towards a small, two-story house on the left. The entire scene is overlaid on a background of white, wispy smoke or flames that seem to rise from the bottom. The overall mood is mysterious and dramatic.

uma questão de  
**segundos**

Uma história de **MICKEY BOLITAR**





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

# capítulo 1

**HÁ MOMENTOS QUE MUDAM** tudo na vida.

Não estou falando de pequenas coisas, como quando você come pela primeira vez um cereal delicioso, passa para a universidade, apaixona-se por uma garota ou muda-se para uma casa onde morará nos próximos vinte anos. Estou falando de uma modificação completa. Em um segundo, sua vida é uma, e no outro, fica totalmente diferente. Todas as regras, tudo o que você aceitava sobre a realidade não é mais igual.

Como se o que antes era em cima agora ficasse embaixo e o lado esquerdo se tornasse o direito.

Como se a morte se tornasse a vida.

Fitei a fotografia, percebendo que sempre estamos a apenas alguns segundos de uma mudança geral. O que via não fazia sentido, por isso pisquei algumas vezes e olhei de novo, como se esperasse que a imagem se modificasse. Nada aconteceu.

Era uma foto antiga, em preto e branco. Fiz um cálculo rápido e percebi que devia ter sido tirada quase setenta anos atrás.

– Não pode ser – falei.

Eu não estava falando sozinho, caso você pense que sou maluco (você logo pensará isso), mas com dona Morcega. Ela se encontrava bem perto de mim, com seu vestido branco, e não disse nada. Seus cabelos grisalhos compridos pareciam se mover mesmo quando parados. Sua pele era amassada e enrugada, como uma folha de papel dobrada e desdobrada diversas vezes.

Mesmo que você não conheça *essa* dona Morcega, aposto que conhece *alguma* dona Morcega. Ela é a velha sinistra que mora na casa sinistra no fim do quarteirão. Toda cidade tem uma. Você ouve histórias no pátio da escola sobre as coisas horríveis que ela fará se o pegar. Quando você é um garotinho, fica longe dela. Quando é um garoto maior – no

meu caso, um estudante do segundo ano do ensino médio –, bem, você ainda fica longe porque, embora saiba que é tudo besteira e esteja velho demais para acreditar nisso, a casa ainda o assusta bastante.

Porém, ali estava eu, em seu covil, encarando uma fotografia que não podia ser o que eu achava que era.

– Quem é esse cara? – perguntei.

Sua voz lembrava tábuas velhas rangendo.

– O Carniceiro de Lodz – sussurrou.

O homem na imagem usava um uniforme da Waffen-SS, da época da Segunda Guerra Mundial. Em suma, era um nazista sádico que, segundo dona Morcega, havia assassinado muitas pessoas, inclusive o pai dela.

– E quando essa foto foi tirada? – perguntei.

Dona Morcega pareceu confusa com a pergunta.

– Não tenho certeza. Provavelmente em 1942 ou 1943.

Voltei a encarar a imagem. Minha cabeça girava. Nada fazia sentido. Tentei me firmar no que sabia com certeza: meu nome é Mickey Bolitar. Bom começo. Sou filho de Brad (falecido) e Kitty (no centro de reabilitação) Bolitar e agora estou sob a guarda do meu tio Myron Bolitar (que apenas suporta). Estudo na Kasselton High School e sou o novo aluno tentando se enturmar e, de acordo com aquela foto, estou delirando ou totalmente louco.

– O que há de errado, Mickey? – perguntou dona Morcega.

– O que há de errado? – repeti. – Está brincando, não é?

– Não entendo.

– Este – aponte para o homem – é o Carniceiro de Lodz?

– Sim.

– E você acha que ele morreu no fim da Segunda Guerra Mundial?

– Foi o que me disseram. Mickey, você sabe de alguma coisa?

Lembrei-me da primeira vez em que vira dona Morcega. Estava caminhando para minha nova escola quando ela subitamente apareceu à porta de sua casa decrépita. Quase gritei. Ela ergueu a mão fantasmagórica em minha direção e disse cinco palavras que me atingiram no peito como um soco: *Mickey* – não fazia ideia de como ela sabia meu nome –, *seu pai não morreu*.

Foi isso que me fez começar a trilhar o caminho maluco que agora me levava... a esta foto.

Ergui os olhos.

– Por que você me disse aquilo?

– O quê?

– Que meu pai não estava morto. Por que você me disse aquilo?

Ela ficou em silêncio.

– Eu estava lá – falei com a voz trêmula. – Eu o vi morrer com meus próprios olhos. Por que me falar algo assim?

– Conte-me – pediu ela com aquela voz rangente. – Conte-me o que se lembra.

– Está falando sério?

A velha arregaçou a manga da roupa em silêncio e me mostrou a tatuagem que era sua marca de sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz.

– Eu lhe contei como meu pai morreu – disse ela. – Agora é sua vez. Conte-me o que aconteceu.

Senti um calafrio. Olhei ao redor da sala escura. Um disco de vinil girava em uma antiga vitrola, tocando uma canção chamada “Time Stands Still”, do HorsePower. Minha mãe era fã dessa banda. Até participara de festas com o grupo em seus tempos de celebridade, antes de eu nascer e acabar com todos os sonhos dela. No console da lareira de dona Morcega estava aquela maldita foto, dos cinco hippies da década de 1960 usando camisetas *tie-dye* com aquela borboleta no peito.

– Conte-me – repetiu dona Morcega.

Fechei os olhos e respirei profundamente. Era muito difícil recordar aquilo, e mesmo assim parecia que eu fazia isso todas as noites.

– Estávamos indo de carro para San Diego, só meu pai e eu. O rádio estava ligado. Ríamos. – Era minha lembrança mais forte do que acontecera antes: o modo como ele ria.

– Certo. Então o que aconteceu?

– Um utilitário passou por cima do canteiro que dividia as pistas e bateu de frente em nós. Bam! Mais ou menos assim.

Fiz uma pausa. Era como se eu sentisse o choque horrível, a pressão contra o cinto de segurança, o súbito mergulho na escuridão.

– O carro capotou. Quando acordei, estava preso nas ferragens. Alguns bombeiros tentavam me soltar.

– E seu pai?

Olhei para ela.

– Você conheceu meu pai, não é? Meu tio disse que meu pai vinha aqui quando era criança.

Ela ignorou a pergunta.

– Seu pai – repetiu. – O que aconteceu com ele no acidente?

– Você sabe o que aconteceu.

– Conte-me.

Eu podia visualizá-lo em minha mente.

– Meu pai estava deitado de barriga para cima, com os olhos fechados. Havia uma poça de sangue ao redor da cabeça dele.

Meu coração começou a saltar no peito.

Dona Morcega estendeu sua mão ossuda para mim.

– Está tudo bem.

– Não – disparei, agora com raiva. – Não está tudo bem. Longe disso. Porque, veja bem, havia um paramédico cuidando do meu pai. Ele era louro e tinha olhos verdes e, quando me encarou, balançou a cabeça de um lado para o outro. Apenas uma vez. E eu soube. A expressão dele disse tudo. Estava acabado. Meu pai tinha morrido. A última coisa que vi foi meu pai em uma maca e aquele paramédico o empurrando para longe.

Dona Morcega não disse nada.

– E esta – afirmei, erguendo a foto, com a voz embargada e os olhos se enchendo de lágrimas –, esta não é a foto de um velho nazista. É a foto daquele paramédico.

O rosto de dona Morcega, já muito pálido, pareceu ficar ainda mais branco.

– Não entendo.

– Nem eu. O Carniceiro de Lodz era o paramédico que levou meu pai embora.

A resposta dela me surpreendeu.

– Estou cansada, Mickey. Agora você deve ir embora.

– Está brincando comigo, não é? Quem é esse cara? Por que ele levou meu pai embora?

Ela ergueu sua mão trêmula em direção à boca.

– Às vezes queremos tanto uma coisa que inventamos. Entende?

– Eu *não quero* que este homem seja o paramédico. Mas ele é.

Ela sacudiu a cabeça, os cabelos na altura da cintura esvoaçando na brisa.  
– Nossa memória não é confiável. Você aprenderá isso quando for mais velho.

– Quer dizer que estou errado?

– Se o Carniceiro estivesse vivo, teria quase 90 anos. Seria velho demais para ser um paramédico.

– Espere, eu não disse que ele tinha 90 anos. Tem a mesma idade que este cara.

Dona Morcega me olhou como se agora eu estivesse me comportando como um louco, e percebi que aquilo parecia o delírio de um lunático. A canção terminou e outra começou. Ela deu um passo para trás, arrastando seu vestido branco rasgado no velho chão de madeira. Lançou-me um olhar duro.

– O que foi? – perguntei.

– Está na hora de você ir. E talvez você não me veja por algum tempo.

– Não entendo.

– Você está enganado.

Lágrimas surgiram nos cantos dos meus olhos.

– Você acha que eu conseguiria me esquecer daquele rosto? Do modo como ele olhou para mim antes de empurrar meu pai para longe?

A voz dela agora era ríspida.

– Saia, Mickey.

– Não vou...

– Saia!

## capítulo 2

**UMA HORA DEPOIS, EU ESTAVA** sentado em meu quintal – ou melhor, no quintal do meu tio Myron –, contando tudo para Ema. Como sempre, ela estava toda vestida de preto, combinando com seus cabelos. Também usava maquiagem preta nos olhos. Havia um anel de prata em

forma de caveira e ossos cruzados no dedo do meio e mais brincos do que eu podia contar.

Ema tendia naturalmente para o lado sombrio, mas agora me olhava como se de repente tivesse brotado um terceiro braço em mim.

– Você simplesmente foi embora? – perguntou.

– O que eu devia fazer? – retruquei. – Arrancar à força a informação da velha?

– Não sei. Mas como consegui não fazer mais nada?

– Ela foi para o andar de cima. O que eu ia fazer, segui-la? Sei lá, imagine se ela começasse a tirar a roupa ou algo do gênero.

– Argh, que nojo!

– Está vendo?

Ema ainda não tinha 15 anos, mas exibia uma boa quantidade de tatuagens. Devia ter 1,60 metro e era o que a maioria das pessoas consideraria gordinha. Quando nos conhecemos, poucas semanas antes, ela estava sentada sozinha na mesa dos excluídos, almoçando. Disse que preferia assim.

Minha amiga olhou para a velha fotografia em preto e branco.

– Mickey?

– Sim?

– Você não acredita de verdade que é o mesmo cara, não é?

– Sei que isso parece loucura, mas...

Esse era o jeito de Ema. Ela ficava na defensiva e se mostrava mal-humorada com quase todo mundo. Não tinha o que costumamos chamar de beleza convencional, mas quando me olhava como agora com seus grandes olhos castanhos e o rosto revelando concentração e interesse, brilhava nela algo quase celestial.

– Continue – pediu Ema.

– O acidente foi o pior momento da minha vida, dez vezes pior do que qualquer outro. Meu pai...

As lembranças inundaram minha mente. Eu era apenas uma criança. Nós três tínhamos morado no exterior durante a maior parte da minha vida, viajando alegremente pelos cantos mais obscuros do mundo. Eu achava que éramos nômades despreocupados, boêmios internacionais que trabalhavam para várias instituições beneficentes. Não percebia que havia muito mais por trás daquilo.

– Certo – disse Ema.

Mas era difícil revelar mais. Quando você viaja muito, não consegue fazer muitas amizades (ou realmente não tem nenhum amigo). Esse era um dos motivos de eu querer tanto fincar raízes. Foi por causa disso que meu pai largou o emprego, se mudou conosco para a Califórnia, me matriculou em uma escola de verdade e... morreu. Então, veja bem, o que aconteceu depois que voltamos para os Estados Unidos – a morte do meu pai, a ruína da minha mãe – foi culpa minha. Não importa o quanto se negue, a culpa foi minha.

– Se você não quiser me contar... – começou Ema.

– Não, eu quero.

Ela me encarou de novo com seus grandes olhos, que pareciam tão concentrados, compreensivos e gentis.

– O acidente acabou com tudo – continuei. – Matou meu pai e destruiu minha mãe.

Não me dei o trabalho de falar como me afetara, como eu sabia que nunca superaria aquilo. Não era importante. Eu estava tentando descobrir como conectar o paramédico e o homem na fotografia.

Falei mais devagar:

– Quando você passa por algo assim, que de repente acaba com tudo em sua vida... você se lembra de tudo. De cada detalhe. Isso faz sentido?

– Claro.

– Aquele paramédico foi o primeiro a me dizer que meu pai tinha morrido. Então não tenho como esquecer a aparência dele. Não mesmo.

Ficamos sentados ali por mais um minuto, em silêncio. Olhei para a cesta de basquete. Tio Myron havia comprado uma nova quando soube que eu ia morar com ele. Ambos encontrávamos consolo no basquete, no drible lento, no arremesso durante um salto, no modo como a bola atravessa o aro e balança a rede. O basquete é a única coisa que tenho em comum com meu tio, com quem sou forçado a morar e a quem não consigo perdoar.

Não consigo perdoá-lo. E acho que também não consigo me perdoar. Talvez esse seja outro aspecto que tio Myron e eu temos em comum.

– Não fique zangado comigo, ok? – disse Ema.

– Ok.

– Eu entendo tudo o que você falou. Você sabe disso. E, bem, esta

última semana foi louca. Mas podemos encarar isso racionalmente por um segundo?

– Não.

– Ahn?

– Se fizermos isso, chegamos à conclusão de que eu deveria estar trancado em uma cela acolchoada.

Ema sorriu.

– Bem, sim, isso é verdade. Mas só para termos certeza de que não deixamos nada de fora, vamos rever tudo passo a passo, ok? Só para garantir que está tudo claro.

Assenti de má vontade.

– Primeiro – ela ergueu um dedo com a unha pintada de vinho –, na semana passada, a caminho da escola, você passou pela casa sinistra de dona Morcega e, embora não a conhecesse e nunca a tivesse visto, ela lhe disse que seu pai está vivo.

– Certo.

– Estranho, não é? Quero dizer, como ela sabia quem você era ou que seu pai morreu, e o que deu nela para dizer uma coisa dessas?

– Não tenho a menor ideia.

– Nem eu. Então vamos para o segundo item. – Ema ergueu o dedo com o anel de caveira e esmalte amarelo-canário. – Na semana seguinte, depois de passarmos por poucas e boas, dona Morcega lhe disse que na verdade ela é Lizzy Sobek, a famosa heroína do Holocausto que não era vista desde o fim da Segunda Guerra. Então lhe entregou uma fotografia desse velho nazista que matou o pai dela. E você acha que é o mesmo cara que levou seu pai embora na maca. – Ema abriu as mãos. – Isso resume tudo?

– Quase tudo.

– Ótimo. Agora estamos chegando a algum lugar.

– Estamos?

Ela fez um sinal com a mão para eu me calar.

– Vamos esquecer por um momento o fato de que de algum modo o cara não envelheceu nem um dia em setenta anos.

– Certo.

– Outra coisa: você sempre descreve o paramédico com cabelo louro e olhos verdes.

– Certo.

– É disso que você mais lembra nele, não é? Dos olhos verdes. Acho que você disse que havia círculos amarelos em torno das pupilas ou algo assim.

– Sim, e daí?

– Mas, Mickey – Ema inclinou a cabeça e sua voz se suavizou –, essa fotografia é em preto e branco.

Eu não disse nada.

– Não dá para ver nenhuma cor. Como você pode saber, por exemplo, que os olhos dele são verdes? Não pode, não é?

– Acho que não.

– Então deixe-me falar claramente. Que cenário é mais provável: o Carniceiro de Lodz possui uma ligeira semelhança com o paramédico e você inventou o resto ou um velho nazista de 90 anos agora é um jovem paramédico que trabalha na Califórnia?

Ela tinha razão, é claro. Eu sabia que não estava raciocinando direito. Na última semana, eu havia sido agredido e quase morto. Sem poder fazer nada, eu vira um homem levar um tiro na cabeça enquanto Ema quase tivera a garganta cortada.

E isso para não mencionar a parte de fato surpreendente.

Ema se levantou, alisou sua roupa e começou a andar.

– Preciso ir.

– Para onde?

– Vejo você amanhã.

Ela fazia isso o tempo todo: ia embora de repente.

– Quer que eu acompanhe você? – perguntei.

Ema pôs as mãos nos quadris e me olhou com a testa franzida.

– Está ficando tarde. Pode não ser seguro.

– Está brincando comigo, não é? Por acaso eu tenho 4 anos?

Mas esse não era o problema. Por algum motivo, Ema não queria me mostrar onde morava. Ela sempre desaparecia no bosque. Sim, tínhamos ficado próximos em pouco tempo, talvez os melhores amigos que já havíamos tido, mas ainda assim guardávamos nossos segredos.

Ema parou quando chegou ao fim do quintal.

– Mickey?

– O que foi?

– Sobre a fotografia.

– Sim?

Ela demorou antes de responder:

– Não acho que você seja louco.

Esperei que continuasse, mas ela não falou mais nada.

– E então? – perguntei. – Se não sou louco, sou o quê? Iludido?

Ema pensou um pouco.

– Provavelmente. Mas há outro lado nessa história toda.

– Qual?

– Talvez eu também esteja louca, mas acredito em você.

Levantei-me e fui em sua direção. Tenho mais de 1,90 metro, por isso me elevei acima dela. Estou certo de que formamos um estranho par.

Ema ergueu os olhos para mim.

– Não sei como ou por quê... e conheço todos os argumentos contrários... mas acredito em você.

Fiquei tão grato que tive vontade de chorar.

– A questão é: o que nós vamos fazer? – perguntou Ema.

Arqueei uma sobrancelha.

– Nós?

– É claro.

– Desta vez não, Ema. Já bastam as vezes em que coloquei você em perigo.

Ela franziu a testa.

– Dá para ser mais paternalista?

– Tenho que lidar com isso sozinho.

– Não, Mickey, não tem. Independentemente do que esteja acontecendo com você e dona Morcega, faço parte disso.

Eu não sabia ao certo o que responder, então me limitei a dizer:

– Vamos pensar nisso até amanhã e depois conversamos, está bem?

Ela se virou e recomeçou a andar pelo quintal.

– Sabe o que é engraçado?

– O quê?

– Tudo isso começou com uma velha maluca lhe dizendo que seu pai ainda está vivo. Mas agora, bem, não tenho tanta certeza de que ela seja maluca.

Ema desapareceu na noite. Peguei a bola de basquete, envolvido pelo

caráter zen do arremesso (sim, sei como isso soa estranho). Depois de tudo o que acontecera, ansiava por um pouco de paz e tranquilidade.

Mas não as teria.

Eu achava que aquela situação era ruim, mas logo descobriria que poderia ficar bem pior.

## capítulo 3

**EU ESTAVA PRESTES A SALTAR** para um arremesso quando ouvi o carro de tio Myron chegar.

Myron Bolitar era uma espécie de lenda do esporte na cidade. Detinha todos os recordes de basquete, ganhou dois títulos do campeonato nacional universitário e foi convocado pelo Boston Celtics para a primeira rodada das eliminatórias da NBA. Uma súbita lesão no joelho pôs fim à sua carreira antes mesmo de começar.

Eu sempre ouvira meu pai – o irmão mais novo de Myron – falar que aquilo havia sido devastador para meu tio. Meu pai adorava Myron e o venerava – até minha mãe engravidar de mim. Para dizer o mínimo, Myron não aprovava minha mãe. Acho que ele deixou isso bem claro. Os dois brigaram por esse motivo e Myron deu um soco no rosto de meu pai.

Eles nunca mais se viram ou se falaram. Agora, é claro, era tarde demais.

Sei como Myron se sente mal em relação a isso. Sei que parte seu coração e que quer se redimir por meio de mim. O que ele não entende é que não consigo perdoá-lo. Aos meus olhos, foi ele quem levou meus pais a um caminho que causaria a morte do meu pai e o vício da minha mãe.

– Oi – disse Myron.

– Oi.

– Você já comeu?

Assenti e fiz um arremesso. Myron pegou o rebote e atirou a bola

de volta para mim. A quadra de basquete significava muito para nós dois. Ambos entendíamos isso. Era um território neutro, uma zona de paz, nossa pequena área de trégua. Fiz outro arremesso e uma careta. Myron notou.

– Os testes são daqui a duas semanas, não é? – perguntou.

Ele estava falando sobre o time de basquete do ensino médio. Confesso que eu tinha a esperança de quebrar seus velhos recordes.

Neguei com a cabeça.

– Foram antecipados.

– Para quando?

– Segunda-feira.

– Nossa, falta pouco. Está animado?

É claro que eu estava. Muito. Mas apenas dei de ombros e fiz outro arremesso.

– Você ainda está no segundo ano – disse Myron. – Eles não aceitam muitos dessa série no time principal.

– Mas você começou no segundo ano, não foi?

– *Touché*. – Myron passou de novo a bola para mim e mudou de assunto. – Ainda está dolorido da noite passada? – perguntou.

– Sim.

– Algo mais além disso?

– O que quer dizer?

– Estou pensando se deveria levá-lo a um médico.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

– Só estou dolorido.

– Quer falar sobre o que aconteceu?

Eu não queria.

– Me parece que você colocou a si mesmo e a outros em perigo.

Eu ponderava como contornar a verdade. Myron sabia parte dela. A polícia também. Mas eu não podia lhes contar tudo. De qualquer forma, provavelmente nunca acreditariam. Droga, nem eu acreditava.

– Ser um herói sempre traz consequências, Mickey – continuou tio Myron com uma voz suave. – Mesmo quando você sabe que está fazendo a coisa certa. Aprendi isso do pior jeito possível.

Nós nos entreolhamos. Myron estava prestes a dizer algo mais quando seu celular tocou. Ele olhou para o visor e pareceu chocado.

– Desculpe, mas preciso atender.

Ele foi mais para o fundo do quintal, se curvou e começou a falar.

*Você colocou a si mesmo e a outros em perigo...*

Eu podia correr riscos – isso era problema meu –, mas e quanto a meus amigos? E quanto aos “outros”? Me afastei do meu tio e peguei o celular.

Eu fora àquela maldita boate para salvar Ashley, junto com Ema, é claro, Colherada e Rachel. Colherada, como Ema e eu, era um excluído. Rachel era tudo menos isso.

Precisava saber como eles estavam.

Primeiro, enviei uma mensagem de texto para Colherada e recebi uma resposta automática: **não posso responder agora. por causa de acontecimentos recentes, vou ficar de castigo até os 34.**

E então, como ele era o Colherada, acrescentou: **a mãe de abraham lincoln morreu da doença do leite com 34 anos.**

Não pude deixar de sorrir. Colherada “pegara emprestada” a picape do pai para nos ajudar. Os pais dele eram os mais dedicados e super-protetores do nosso pequeno grupo, por isso imaginei que ele devia ser o mais encrencado. Felizmente, Colherada era no mínimo engenhoso. Ele ficaria bem.

Enviei uma mensagem para o quarto e último membro da gangue: Rachel Caldwell. Como descrever Rachel...? Eu o farei de um modo simples: Rachel era, na falta de expressão melhor, a garota mais gostosa da escola. Acho que toda escola tem uma e, sim, ela era muito mais do que superatraente, por isso, por favor, não se apresse em me rotular como um porco chauvinista. A coragem e a habilidade que ela havia demonstrado naquele lugar horrível foram impressionantes.

Mesmo assim, para ser sincero, a beleza dela era a primeira coisa que me vinha à mente – e à mente de quase todos na escola.

Ainda era um mistério como Rachel acabara juntando forças com o novo garoto desprezado (eu), a autodefinida emo-gótica “gordinha” (Ema) e o filho nerd do zelador (Colherada).

Pensei muito sobre o que escrever para Rachel. Admito que fico nervoso e sem jeito perto dela. As mãos começaram a suar. Sei que devia ser mais maduro. Na maior parte do tempo eu sou. Ou talvez não. Enfim, depois de pensar por um longo tempo no que exatamente devia escrever, escrevi esta charmosa mensagem: **vc tá ok?**

Como você pode ver, sou muito sedutor com as mulheres.

Esperei a resposta dela. Não veio nenhuma. Quando tio Myron desligou o telefone, cambaleou na minha direção como se estivesse um pouco atordoado.

Tomando emprestada minha frase sagaz para Rachel, perguntei:

– Você tá ok?

– Estou. – A voz de Myron soou distante.

– Quem era?

– Um amigo de quem não tinha notícias havia algum tempo.

– O que ele queria?

Myron apenas desviou o olhar.

– Alôôô? – chamei.

– Ele precisa de um favor. Um favor estranho. – Myron consultou o relógio. – Tenho que ir. Devo estar de volta daqui a uma hora.

Bem, aquilo era esquisito. Meu telefone vibrou. No visor, apareceu o nome de Rachel e minha pulsação se acelerou um pouco. Afastei-me do meu tio e abri a mensagem, que dizia: **não posso falar agora. posso ligar depois?**

Imediatamente respondi “claro” e então me perguntei se aquilo soava ansioso demais ou se eu devia ter esperado, digamos, oito segundos, para não dar a impressão de que ficara à espera da mensagem dela.

Patético, não é?

Tio Myron correu para seu carro. Fui para a cozinha pegar um lanche. Imaginei Rachel em casa, enviando a mensagem. Eu só tinha ido à casa dela uma vez. No dia anterior. Era uma propriedade ampla com um portão na frente da entrada para automóveis. Também parecia vazia e um lugar solitário para se viver.

O jornal local, *West Essex Tribune*, estava na mesa da cozinha. Pela terceira edição seguida, a matéria de capa envolvia a visita da estrela Angelica Wyatt à nossa pequena cidade. Não só corriam boatos de que ela estava rodando um filme aqui como também, pelo que dizia a manchete:

ADOLESCENTES DA CIDADE SERÃO USADOS COMO FIGURANTES!

Todos na Kasselton High School estavam excitados com essa possibilidade. Os garotos da escola – muitos dos quais ainda tinham na parede

do quarto aquele polêmico pôster de Angelica Wyatt com um biquíni molhado – estavam particularmente empolgados.

Eu, por outro lado, tinha coisas mais importantes com que ocupar meu tempo.

Empurrei o jornal para o lado e peguei a fotografia do Carniceiro de Lodz. Coloquei-a sobre a mesa e olhei bem para ela. Então fechei os olhos, gravando a imagem em minha mente. Lembrei-me daquela rodovia na Califórnia, do acidente, de estar preso nas ferragens, de ver meu pai morrendo e de encarar aqueles olhos verdes com contorno amarelo que extinguiram todas as minhas esperanças.

Visualizei o rosto do paramédico. Então tentei sobrepor essa imagem à que criara fitando a fotografia.

Era o mesmo homem.

Mas isso era impossível. Então talvez o Carniceiro tivesse um filho muito parecido com ele. Ou neto. Ou quem sabe eu estivesse enlouquecendo.

Eu deveria visitar dona Morcega de novo. Exigir respostas.

Mas precisava pensar em como me aproximar dela. Tinha que pensar bem, considerar todas as possibilidades e tentar ser racional. E também havia algo mais a ponderar.

Há um velho ditado que diz: nada é certo, exceto a morte e os impostos.

Quem falou isso se esqueceu de uma coisa: o dever de casa.

Refleti se deveria pedir ao tio Myron para escrever um bilhete de justificativa para mim:

*Prezada Sra. Friedman,*

*Mickey entregará tardiamente o trabalho sobre a Revolução Francesa porque estava salvando outro aluno, vendo um homem ser baleado, levando uma surra feia, sendo interrogado pelos policiais... Ah, e ele viu uma fotografia de um velho nazista que se disfarçou de paramédico na Califórnia e lhe disse que o pai dele estava morto.*

*Mickey entregará o trabalho na semana que vem.*

Não. Eu não achava que aquilo iria funcionar. Além disso, também detesto a palavra *tardiamente*. Por que ela só é usada quando se trata de escola? E por que não dizer apenas *atrasado*?

Cara, eu precisava dormir.

Meu quarto fora, durante muitos anos, usado por tio Myron. Ficava no porão e seria considerado “retrô” se não fosse cafona. Tinha um pufe de vinil, uma lâmpada de lava e até mesmo troféus com mais de vinte anos.

Minha dupla no trabalho era ninguém menos que Rachel Caldwell. Eu a conhecia havia pouco tempo, mas ela me parecia uma dessas garotas que sempre cumprem suas tarefas no prazo. Você conhece o tipo. No dia da prova, ela jura que vai se dar mal, mas termina em tempo recorde, entrega a folha perfeita e passa o restante do tempo escrevendo em um caderninho.

É claro que ela não ia me deixar entregar o trabalho “tardiamente”.

Quinze minutos depois, meu celular tocou. Era Rachel. Atendi:

– Alô?

– Oi.

– Oi.

É. Eu era sedutor à beça. Decidi partir para o que estava se tornando rapidamente minha marca registrada para quebrar o gelo:

– Você tá ok?

– Acho que sim.

Rachel parecia estranhamente preocupada.

– Mickey?

– Sim?

– Você acha...?

– O quê?

– Não sei, Mickey. Acha que isso acabou? Não parece.

Eu não sabia ao certo o que falar. Sentia o mesmo, como se o pior estivesse apenas começando. Desejei dizer palavras de conforto, mas não queria mentir.

– Não sei. Quero dizer, deve ter acabado.

Silêncio.

– Nós temos que entregar aquele trabalho sobre a Revolução Francesa amanhã – lembrei.

– Sim.

Mais silêncio. Eu a imaginei sentada sozinha naquela mansão vazia. Não gostava disso.

– Deveríamos fazer isso? – perguntei.  
– O quê?  
– Deveríamos tentar fazer o trabalho? Sei que está tarde, mas posso ir à sua casa ou podemos fazê-lo pelo telefone ou...  
Então, ouvi um barulho ao fundo.  
Parecia que Rachel tinha ofegado. Não tinha certeza. Houve mais barulho.  
– Rachel?  
– Tenho que ir, Mickey.  
– O quê?  
– Não posso falar agora. – A voz dela assumiu um tom estranhamente firme. – Preciso fazer uma coisa.  
– O quê?  
– Vejo você na escola de manhã.  
Ela desligou.  
Mas Rachel estava errada. Eu não a veria de manhã, porque então tudo teria mudado.

## capítulo 4

**TUDO COMEÇOU COM UMA BATIDA** forte na porta.

Eu tinha sonhado com meus pais. Estávamos em um lugar a que nunca fomos na vida real – minha mãe, a lendária Kitty Bolitar, jogava tênis.

Antes de engravidar, minha mãe de 17 anos era a melhor jogadora de tênis amador feminino do mundo. Ela abandonou o esporte para me dar à luz. E nunca voltou a ele.

Estranho, não é?

No sonho, minha mãe está na quadra principal em um jogo importante. O público é enorme. Estou sentado na tribuna perto do meu pai, mas ele não me vê. Só olha amorosamente para minha mãe. Meus pais

tenham sido muito felizes. A maioria dos casais adultos com filhos não é assim. É claro que eles comem juntos, vão ao cinema e tudo o mais, só que é raro se olharem nos olhos. Só compartilham o ambiente. Talvez haja um comodismo nisso, não sei.

Mas meus pais eram diferentes. Nunca tiravam os olhos um do outro, como se ninguém mais existisse, como se tivessem se apaixonado naquela manhã e estivessem prontos para correr por um campo de margaridas e se abraçar, com uma música brega tocando ao fundo.

Sim, como filho deles, posso afirmar que era constrangedor.

Sempre achei que encontraria um amor assim. Mas agora não quero. Não é saudável. Torna você muito dependente. Você sorri quando a outra pessoa sorri. Ri quando ela ri. Mas se ela para de rir, você também para.

E quando ela morre, uma parte de você também morre.

Foi isso que aconteceu com minha mãe.

No sonho, minha mãe executa um forehand com violência, lançando a bola em um local indefensável.

A multidão grita.

Uma voz diz: “Game, set, match... Kitty Bolitar!”

Minha mãe atira a raquete para o ar. O público se levanta. Meu pai fica de pé e bate palmas, com lágrimas nos olhos. Tento me erguer e aplaudir também, mas não consigo. É como se eu estivesse grudado na cadeira. Olho para meu pai. Ele sorri para mim, mas de súbito começa a flutuar para longe.

– Pai?

Eu me debato, mas ainda assim não consigo me levantar. Ele flutua até o céu. Minha mãe se junta a ele. Ambos acenam para que eu os siga. Minha mãe chama:

– Depressa, Mickey!

Mas ainda não posso me mover.

– Esperem! – grito.

Mas eles continuam a flutuar para longe. Ponho as duas mãos nos encostos para os braços e tento me erguer. Mas estou imobilizado. Meus pais ainda estão à vista, mas agora muito mais longe.

Nunca os alcançarei. Respiro fundo e tento mais uma vez sair da cadeira.

É quando percebo que estão me segurando.

Uma mão está em meu ombro. Ela é forte e me prende no lugar.

– Me solta!

Mas a mão me segura com mais força. Viro-me e ali está, em pé, com aquela mesma expressão arruinadora de esperanças, o paramédico louro de olhos verdes.

Mais batidas na porta.

O paramédico e meus pais desapareceram.

Eu estava de volta ao meu quarto no porão, com o coração disparado. Tomei fôlego e tentei me acalmar. As batidas ficaram mais altas.

Por que Myron não tinha atendido?

Rolei para fora da cama e subi a escada.

Mais batidas impacientes.

– Já vou! – gritei.

Onde estava Myron?

Cheguei à porta da frente. Sabia que devia ter perguntado quem era, mas apenas a abri. Havia dois policiais uniformizados.

Dei um passo para trás.

– Mickey Bolitar?

– Sim.

– Sou o oficial McDonald. Este é o oficial Ball.

– Há algo errado?

– Houve um ataque com tiros. Precisamos que venha conosco.

## capítulo 5

**P**OR UM MOMENTO, MINHA VOZ não saiu. Quando consegui falar, disse:

– Meu tio?

– Quem? – perguntou Ball.

– Myron Bolitar. Meu tio. Ele que foi baleado?

Ball olhou para McDonald. Depois se virou para mim e respondeu:

– Não.

– Então quem foi?

– Não estamos autorizados a discutir o caso com você, filho.

– Preciso falar com meu tio.

– O que disse?

Comecei a subir a escada. Os dois policiais também entraram.

– Myron? – gritei.

Nenhuma resposta.

Entreí no quarto dele. A cama de Myron estava vazia. Olhei para o relógio na mesinha de cabeceira. Eram sete horas da manhã. Imaginei que Myron havia acordado mais cedo e saído sem me avisar. Isso não era típico dele.

Voltei para o andar de baixo.

– Está pronto para vir conosco? – perguntou Ball.

– Sou um suspeito?

– Quantos anos você tem, filho?

– Quase 16.

– Você precisa mesmo vir conosco.

Eu não sabia o que fazer, mas que escolha tinha?

– Só vou me vestir – falei.

Corri para o porão. Meu celular estava piscando. Verifiquei as mensagens. Havia duas. A primeira era de Ema. Ela a enviara às 4h17. Aquela garota nunca dormia?

**Ema: precisamos encontrar o paramédico que levou seu pai na maca. tenho uma ideia.**

Puxa, eu queria muito saber qual era, mas isso teria que esperar.

A segunda mensagem era de Myron: **tive que sair cedo e não quis acordar vc. tenha um bom dia.**

Fantástico. Tentei telefonar para o celular do meu tio, mas a ligação caiu direto na caixa postal. Quando o bipe soou, eu disse: “A polícia está aqui. Eles querem me levar...” Parei. Afinal, para onde queriam me levar? “Para a delegacia, eu acho. Não querem me dizer o que está acontecendo. Me ligue quando ouvir isto, ok?”

Desliguei.

Ball gritou:

– Precisamos nos apressar!

Vesti-me e voltei para cima. Dois minutos depois, estava sentado no banco traseiro de uma viatura, seguindo pela rua.



– Para onde estão me levando? – perguntei.

McDonald estava ao volante, com Ball ao lado. Nenhum deles respondeu.

– Eu perguntei...

– Seria melhor se você fosse paciente.

Não gostei disso.

– Quem foi baleado? – perguntei.

McDonald se virou. Ele estreitou os olhos.

– Como você sabe que alguém foi baleado?

Não gostei do tom dele.

– Ah, você me disse – respondi. – Quando abri a porta.

– Eu disse que houve um ataque com tiros. Não disse que alguém foi baleado.

Eu ia fazer alguma piada estúpida – falar que eu devia ser clarividente –, mas estava começando a sentir medo. Fiquei quieto. Logo à frente vi a delegacia de Kasselton. Lembrei-me da última vez em que estive lá, duas noites atrás, e também da rixa do chefe Taylor com Myron, e por extensão comigo.

Mas o carro passou direto pela delegacia.

– Para onde estamos indo? – indaguei.

– Acho que você já fez perguntas demais. Apenas espere.

## capítulo 6

**QUINZE MINUTOS DEPOIS**, eu me encontrava no que devia ser uma sala de interrogatório em uma delegacia de Newark. Uma mulher pe-

quena entrou e se sentou à minha frente. Ela vestia um terno elegante e os cabelos estavam presos em um coque. Calculei que tinha uns 30 anos.

Ela estendeu a mão e eu a apertei.

– Sou Anne Marie Dunleavy, investigadora da Divisão de Homicídios do condado – apresentou-se.

Homicídios?

– Ahn... sou Mickey Bolitar.

– Obrigada por vir falar conosco.

Ela pegou uma caneta e pressionou o topo com força exagerada para que a ponta aparecesse. Atrás dela, a porta se abriu. Quando olhei, meu coração parou. O chefe Taylor entrou pisando duro na sala, como se o chão o tivesse ofendido. Usava uniforme e, apesar de estar em um ambiente fechado e pouco iluminado, óculos escuros em estilo aviador.

Esperei que dissesse algo sarcástico, mas ele ficou calado. Cruzou os braços e se encostou na parede. Olhei de novo para a investigadora.

– Sabe, sou menor de idade – informei.

– Sim, nós sabemos. Por quê?

– Pode me fazer perguntas sem a presença do meu responsável?

Ela deu um rápido sorriso, mas não havia nenhuma cordialidade nele.

– Você vê televisão demais. Se você fosse suspeito de um crime, tudo seria diferente. Por enquanto, só precisamos que responda a algumas perguntas, está bem?

Eu não sabia ao certo o que dizer, mas concordei:

– Acho que sim.

– Quem é seu representante legal?

– Minha mãe.

Tio Myron quisera ser, mas fiz um acordo. Eu viveria com ele na condição de que minha mãe, apesar de estar em reabilitação, continuasse a ser minha única representante legal.

– Se você fizer questão, podemos telefonar para ela.

– Não – respondi de pronto. Essa era a última coisa de que a mente já frágil da minha mãe precisava. – Tudo bem, não se preocupe com isso.

– Sabe por que está aqui? – perguntou ela.

Eu ia dizer que tinha algo a ver com um “tiroteio”, mas essa suposição não ajudara muito no carro.

– Não.

– Não tem a menor ideia?

Não queria mais fingir.

– Bem, o policial disse que tinha algo a ver com um tiroteio.

– E tem mesmo. Na verdade, duas pessoas foram baleadas.

– Quem?

– Há algo que possa nos dizer sobre isso?

– Sobre o quê?

– Sobre o tiroteio.

– Nem sei quem foi baleado.

Anne Marie me encarou sem acreditar.

– Não sabe mesmo?

– Não sei.

– Não faz a menor ideia?

O chefe Taylor continuou em silêncio. Não gostei disso. Olhei para ele e, mesmo a distância, pude ver meu reflexo em seus óculos.

– É claro que não faço a menor ideia. Quem foi baleado?

Ela mudou de assunto.

– Você pode nos dizer onde estava na noite passada?

Não gostei do rumo que aquilo estava tomando. Arrisquei outro olhar para o policial. Ele continuava com os braços cruzados.

– Eu estava em casa.

– Quando você diz casa...

– A casa onde vocês me encontraram.

– Está morando com seu tio, não é? Myron Bolitar?

Ao ouvir o nome do meu tio, o chefe Taylor contraiu o rosto.

– Sim, estou.

Ela assentiu e anotou algo.

– Então me conte o que fez na noite passada.

– Fiz um pouco do dever de casa. Vi televisão. Li um livro.

– Seu tio estava em casa?

– Não, ele tinha saído.

– Para onde?

- Ele não disse.
- E quando ele voltou para casa?
- Não sei. Eu dormi.
- A que horas?
- A que horas eu dormi?
- Sim.
- Por volta das onze.

A investigadora registrou isso também.

- Seu tio ainda não havia chegado em casa?

– Acho que não. Não sei com certeza. Meu quarto fica no porão e eu estava com a porta fechada.

- Ele não vai ver como você está quando chega em casa?
- Geralmente, sim.
- Mas não na noite passada.
- A menos que tenha ido quando eu estava dormindo.

Ela fez outra anotação.

- O que mais você fez na noite passada?
- Só isso.

Ela enfim olhou de relance para o chefe Taylor. Ele cruzou novamente os braços e me lançou um olhar duro.

- O que foi? – perguntei.

– Você conversou com alguém ou enviou alguma mensagem de texto? – perguntou Anne Marie.

- Sim.
- Qual dessas coisas?
- As duas.

O policial falou pela primeira vez:

- Mas não mencionou isso, não é, Mickey?
- Como assim?

– A investigadora Dunleavy lhe perguntou o que você fez na noite passada. Você veio com o papo de dever de casa e televisão, mas não falou nada sobre conversar ou enviar mensagens. Isso parece um pouco suspeito, não acha?

– Eu também fiz um sanduíche com manteiga de amendoim e geleia. E tomei banho. A marca do xampu era Pert.

O chefe Taylor não gostou disso.

– Engraçadinho como o tio. Está bancando o engraçadinho com um representante da lei, Mickey?

Eu estava. Às vezes eu era capaz de dizer coisas estúpidas, mas em geral não sou suicida. Então parei.

A investigadora pôs uma das mãos no braço do policial.

– Ele achou que isso não era importante, chefe. Não foi, Mickey?

Talvez eu realmente visse televisão demais, mas, mesmo se não visse, aquilo se parecia muito com a clássica dupla de bom e mau policial. O chefe Taylor me encarou de novo, franzindo a testa, e voltou a se encostar na parede como se ela pudesse cair caso não a apoiasse.

– Vamos começar por suas conversas – continuou Anne Marie. – Você falou com alguém pessoalmente, pelo telefone ou de outra forma?

Engoli em seco. O que estava acontecendo?

– Pelo telefone.

– E com quem falou?

– Só com uma amiga.

– Qual é o nome dela?

– Rachel Caldwell.

A investigadora agora olhava fixamente para o papel, mas vi algo de que não gostei no modo como seu corpo se contraiu quando respondi.

Meu sangue gelou.

– Ah, não...

– A Srta. Caldwell lhe telefonou ou você telefonou para ela?

– Foi a Rachel? Ela está bem?

– Mickey...

– O que aconteceu?

– Ei, garoto!

Olhei irritado para o chefe Taylor, vendo mais uma vez meu próprio reflexo.

– Abaixе o tom. Você está aqui para responder às nossas perguntas, não o contrário. Entendeu?

Fiquei em silêncio.

– Entendeu? – repetiu ele.

Nenhuma. Palavra.

– Mickey? – Anne Marie pigarreou. Estava com a caneta a postos. – Você telefonou para a Srta. Caldwell ou ela telefonou para você?

Minha cabeça girava. Tentei compreender a situação. O que estava acontecendo? De repente, lembrei-me das palavras de Rachel: *Preciso fazer uma coisa.*

O que aquilo significava?

– Mickey?

Consegui falar:

– Hum, ela me telefonou.

– Do nada?

– Bem, não. Primeiro eu mandei um torpedo para ela. Então ela me telefonou.

Falei rapidamente sobre a breve troca de mensagens. Também relatei que havia mandado um torpedo para Colherada, mas eles não demonstraram nenhum interesse nisso. O que quer que tivesse acontecido... tiros... duas pessoas baleadas... homicídio... envolvia Rachel.

– Então, depois das suas mensagens, a Srta. Caldwell telefonou?

– Sim.

– Sabe a que horas aconteceu isso?

– Talvez nove da noite.

– Os registros telefônicos nos dizem que foi às 21h17.

– É possível.

– Então, sobre o que vocês dois falaram?

– Eu só queria saber se ela estava bem. Tivemos um problema na quarta-feira. Vocês provavelmente sabem disso.

Eles não disseram nada.

– Então eu queria me certificar de que ela estava bem, dizer oi, esse tipo de coisa. Também tínhamos que entregar um trabalho na escola. Achei que poderíamos conversar sobre isso.

– E você fez isso?

– Fiz o quê?

– Conversou sobre o trabalho?

– Na verdade, não.

– Há quanto tempo você conhece Rachel Caldwell?

– Há pouco tempo. Acabei de entrar na escola...

O chefe Taylor se intrometeu:

– Não perguntamos quando você entrou para a escola. Perguntamos...

– Não sei exatamente. Talvez há uma semana.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)